

A LINGUAGEM DA LUZ DO OLHAR: NOTAS PARA UMA FENOMENOLOGIA DA IMAGEM FOTOPOÉTICA. *

CARLOS ALBERTO MURAD
Escola de Belas Artes - UFRJ

ABSTRACT:

This paper approaches the photographic creation through the poetic perspective of imagination. It discusses some themes from Bachelard's phenomenology of poetic Imagination and its relationships to the analysis of the photopoetic creation. It focusses particularly on the importance of the poetic reverie for the creation of the photopoetic language; on the presence of a topophilia activating the creative Look; and on the action of a *Poetizing I* in the image apprehension. Secondly, the paper discusses the nature of the photopoetic image or photopoem, its establishment process through a reverie meditation and its condition of eye-driven phenomenon. Finally, through Henri Cartier-Bresson's and Dieter

Appelt's photopoetics, the article concludes discussing the participation of the following poetical induction: the intimate luminance and the temporary pulsation of the instant in the photopoetic creative process.

Introdução

Este artigo insere-se numa Fenomenologia estética da Criação fotográfica - Fotopoética -¹, tratando alguns dos potenciais imaginários olhi-primordiais que permeiam a criação da Imagem Fotopoética. Nos propomos a refletir a imagem fotopoética, enfocando especialmente a participação dos devaneios poéticos substancializados na Luz e no Instante, para a instauração da singular **linguagem variacional do Olhar**².

* Este trabalho foi realizado com o apoio da UFRJ, FUJB e CNPQ.

1. Usamos aqui o termo fotopoética referindo-se as imagens fotográficas apreendidas e tratadas esteticamente.

2. Estamos nos referindo aqui a vinculação intrínseca da linguagem com a idéia acausal e variacional da "imagem poética" (Bachelard, 1978a: 1). A linguagem poética como originadora e continuamente inaugural.

Esta pesquisa se apoia na análise de originais fotográficos³ da Biblioteca Nacional de Paris e do Museu Vitória & Albert em Londres, e utiliza a Fenomenologia da Imagem Poética e da Imaginação Criadora de Gaston Bachelard.

Desenvolveremos este artigo em três momentos: primeiramente discutiremos algumas contribuições metodológicas do pensamento de Bachelard para a análise das imagens fotopoéticas e em seguida refletiremos a natureza da imagem fotopoética. Finalmente, o artigo conclui discutindo a participação das estruturas imaginantes em seu *modus operandi* no processo criador fotopoético.

Considerações iniciais

Habitualmente, as abordagens sobre a criação fotográfica constroem-se na valorização das condicionantes perceptivas e representacionais de sua linguagem, permanecendo imunes aos seus potenciais de fascinação poética. A nossa intenção é de compreender a criação fotográfica pela reflexão dos potenciais poéticos da Imaginação criadora na perspectiva da Fenomenologia de Gaston Bachelard. Um pensamento que afirma os potenciais iluminadores e criadores da Imaginação, e que poeticamente instaura o Olhar como a síntese do Imaginar, do criar imagens.

Neste contexto, tivemos que repensar conceitualmente alguns tradicionais e

oculares termos foto-gráficos e, por este motivo, substituí-los por alguns neologismos ao longo de nossa pesquisa.

Diante da natureza introdutória deste artigo, fomos obrigados a condensar e a reduzir as dimensões do desenvolvimento de nossos comentários sobre os fotopoetas e suas imagens. Na verdade apenas um criador e algumas imagens já seriam pretexto para um longo e detalhado texto. E, finalmente, cabe lembrar que neste artigo a palavra **imagem** tem o sentido bachelardiniano de imagem imaginada (fantasmática, virtual).

O Devaneio da Linguagem

No pensamento de Bachelard a Criação instauraria-se pela ação do devaneio poético— espaço propiciatório da aparição das imagens poéticas— e estas constituiriam a matéria primeira e indutora de toda meditação devaneante.

Assim, a Fenomenologia bachelardiniana fundamentou sua reflexão na *poiesis* entre a Imaginação e a realidade, dentro de uma contínua e mútua transformação poética. Uma *poiesis* mediada pela aparição da Imagem poética no interior da “*êxtase mesmo da novidade desta imagem*” (Bachelard, 1978a:1). Esta novação testemunha da presença do Ser que a Imaginação doou à Imagem, é uma doação que instaura uma origem. Assim a imagem poética, como Ser de uma novação originária, está na base mesmo da criação, pois “*nos colo-*

3. O termo *photography* introduzida por Sir Jonh Herschel em 1839 encampada desde Fox Talbot até os nossos dias, (...) “escrita da luz” expressa a idéia de um ato manual e não de uma realidade fotoformada.

ca na origem do Ser falando (*être parlant*)” (Bachelard, 1978a:7), ou seja de um originar da expressão poética da linguagem. Na apreensão estética de um fotopoema, permeados pelos potenciais de metamorfose e imprevisibilidade das imagens poéticas, estaremos participando da origem da linguagem da criação fotopoética. Uma linguagem que se instaura continuamente em cada nova criação. Importante entretanto que poetas e leitores distingam a “*linguagem da significação da linguagem poética*” (Bachelard 1978b:160), numa distinção entre o existente logos constitutivo da linguagem e o logos criador da imaginação. Kearney (1991:100), a propósito da relação estreita existente entre imaginação e linguagem mostrada por Bachelard, afirma que esta relação “*é uma projeção do nosso logos criativo que é ao mesmo tempo uma descoberta do logos criado do mundo*”.

A penetração no universo de um logos criador pressupõe metodologicamente o que o filósofo chama de cogitação de um “*Je Poetiseur*” (Bachelard, 1978b:20), o que pode ser compreendido como o envolvimento devaneante do nosso Eu criador numa repercussão imaginária do gesto do criador. Significa que não temos intenção poética e sim poetizadora. Não criamos poemas, mas nos permitimos vivê-los na repercussão das imagens poéticas, acompanhando sua irradiação imaginante em uma ação reveladora que nos dá a densidade profunda do verbo originar. Muito naturalmente, na apreensão-repercussão de imagens foto-gráficas esta meditação poetizadora engaja os potenciais foto-formadores do nosso Eu, reativando **uma cosmogonia do Olhar**. Uma

plenitude qualitativa que contém o desejo de originar Mundo, o desejo de instaurar, no plano do visível, as ambiências luminantes fantasmáticas do Eu criador.

No pensamento bachelardiniano o devaneio poético é que dá forma ao Mundo, emanante de uma Imaginação que engendra imagens-pensamentos, devaneios que nos situam na origem fantástica das coisas antes mesmo da sua pálida percepção. Esta é portanto uma atitude metodológica que afirma a aparição de um possível do mundo na consciência imaginante performando a nossa percepção. “*Sonhamos antes de contemplar*” diz Bachelard (1979a:6), o que significa que as imagens sonhadas nos devaneios poéticos do fotopoeta sobre a cena fotográfica **precedem** o ato de acionar a câmera. Seu olhar já estaria sob o efeito da dinamização dos potenciais das imagens íntimas de sua ambiência fantasmática. Neste sentido, o “*ça a été*” de Barthes (1980:120) pode ser entendido mais como uma confirmação desta anterioridade imaginante do que uma filiação à presença objetiva de um referente. Nos parece que a cena íntima se encontra com a cena fotografada, numa correspondência fotopoética. Quantas vezes, devaneando diante de algumas imagens fotográficas, “perdemos” a memória referencial do objeto fotografado, sua consistência material esvai-se, substituída que é pela sua (nova) mutante-original imagem fotopoética. Nossa imaginação criadora instaura a imagem fotopoética como uma mutação possível na origem de uma nova realidade. Um gesto que encontra confirmação em Bachelard, que não pensa o Mundo como um fato estabelecido, como um

fotograma fixo, mas como uma matéria-mundo em contínua mutação, dentro da experiência de um *Ser* "que alternativamente pensa e devaneia." (Bachelard 1978c:121). Permeado pela materialidade e objetividade tecnológica o fotopoeta, tanto como nós, leitores poetizadores, operamos a substancialização fotopoética do Olhar no interior desta dialética ambivalente, transcendendo ao mesmo tempo a realidade referente bem como todo o *apparatus* que envolve a criação.

O Devaneio do Espaço feliz e do Instante descontínuo.

Quando devaneamos sempre espacializamos, nos ensina Bachelard (1978b:144). Criamos uma ambiência, um envoltório onde amaríamos estar. O devaneio poético é criação de um desejo de envoltório, de uma espacialização entre o homem e o seu mundo. Uma criação se concretiza a partir da realidade de devaneios.

Especialmente na sua obra *Poética do Espaço*, o filósofo nos apresenta uma dominante da sua Fenomenologia da Imaginação: a **topofilia**. Este conceito bachelardiniano trata apenas das imagens do **Espaço Feliz** — , o Espaço é sempre a louvação do "bien-être" sob a *forma* de Espaço.

O fotopoeta, devaneando a ambiência-pretexo de sua possível criação - a cena fotográfica - , tem diante de si inúmeras possibilidades para a espacialização

das imagens que dinamizam a sua Imaginação. O que marcaria a sua opção? Parece que a preferência do seu Olhar é marcada por uma topofilia: a devaneada interrupção espaço-temporal que ele opera sobre o real, marca os limites de uma ambiência onde ele gostaria de penetrar, habitar, enfim onde ele "viveria feliz".⁴

Podemos assim compreender que o fotopoeta seja germinado poeticamente pela **felicidade** do espaço, onde este maravilhamento está permeado por uma diferenciação do Olhar sobre as coisas. Uma diferenciação que opera conjuntamente sobre a pulsação temporal e a luminância fantasmática ressaltados, reativados que são pela cosmicidade da cena original. São estes valores imaginantes de predisposição foto-gênicas, ressentidos sobre a cena original, que estruturam a criação. Apreendemos o mundo pelo devaneio e, se o devaneio é um maravilhamento poético comprometido com um fazer, inicia-se uma Poética e teremos Obra. Numa reafirmação poética de que "o *Eu* no devaneio não se opõe ao mundo, no devaneio não existe um não-Eu" (Bachelard 1978b:144), compreendemos que a diferenciação do Olhar contido no devaneio poético já contém uma aceitação, uma acolhida— acolhemos aquilo que amamos.

Compreender esta topofilia, esta *felicidade* do espaço, pela **construção de ambiências poéticas**, exige apreender dentro de uma repercussão íntima a **Imagem poética**. Este é o tema central da Fenomenologia de Bachelard: o ressentimento da

4. Também Barthes em seu devaneio de uma imagem de Alhambra de Charles Clifford, 1854, mesmo associado ao racionalismo de Freud, fala desse "desejo fantasmático de habitação", págs.67,68 in *La Chambre Claire*, Gallimard, 1980.

eclosão instântanea de uma Imagem acausal e a sua incessante função geradora de novas imagens. Uma presença que repercute em nós —proporcionando este estado de plenitude qualitativa—, a qual ressentimos como possuidora da sonoridade de um Ser (Bachelard, 1978a:2,7,8).

Trata-se de uma **presença-instante**, como nos ensina Bachelard, já que teremos que “*estar presente à imagem no minuto mesmo da imagem*” (Bachelard, 1978a:1). Ela surge em nossa interioridade sem preparação, sem causa e sem história. A Imagem poética porta a novação, o não-visto sobre o visto, a imagem de um possível.

O filósofo que mostrou que o espaço da criação se instaura através do devaneio poético, também nos mostra que a temporalidade da criação se dá na celebração do instante descontínuo: “...*toda a força do tempo se condensa no instante no vador onde a visão se abre (...) nos dando no mesmo gesto a alegria e a razão*” (Bachelard, 1979b:95). Não podemos deixar de pensar nestes instantes iluminadores condensados em fotopoemas— instantes que **continuam**. Como na intuição bachelardiniana sobre o valor estético das imagens da criação fotográfica, os instantâneos fotográficos teriam que possuir uma “*duração de devaneio*” (Bachelard, 1978b:104). Uma continuidade que se instaura num instante que é poético, que coloca o devaneador fora do tempo cronológico, fazendo-o viver a ambivalência de uma “*temporalidade vertical*” que contrapõe-se a uma temporalidade horizontal do mundo (Bachelard 1978c:225). Instantes que condensam uma temporalidade ambivalente. Na perspectiva de uma Fotopoética

os objetos são anulados em sua objetividade, eles tem existência como instantes que *luminam*.

Na recuperação dos diferentes potenciais oníricos, que participaram no processo de criação, temos que superar as interferências perceptivas e culturais, ligadas a memória aparental do **fotografado** e do **fotográfico**, para assim nos defrontarmos com o **Fotopoético**.

Da natureza do Fotopoema

Bachelard nos ajudou a compreender que o Fotopoema é esta imagem que se forma em nossa consciência imaginante e que transcende a sua correspondente visível. Podemos citar como referência algumas imagens de Paul Strand, Ralph Meatyard, Diane Arbus, Henri Cartier-Bresson, Dieter Appelt entre outros. Este fotógrafos nos apresentam imagens onde apreendemos uma nova realidade tempo-espacial, imagens que ressentimos intimamente como invenção do Olhar — instante-luz espacializado. Através destes fotopoemas compreendemos esta fotogênese como a abertura de uma nova visibilidade, uma realidade engendrada poeticamente pela Luz. São estas imagens fotopoéticas que conduzem o nosso olhar a desenvolver um movimento arborescente que é ascendente mas que ao mesmo tempo se expande horizontalmente. Tal como a arborescência da Imaginação, uma expansão que penetra onde o olhar reencontra a êxtase do **puro ver**. Isto porque o fotopoeta substancializou, a partir da intimização de uma cena do seu Olhar devaneante, a

superfície sensível. Um olhar que se torna Forma.

Quando ressentimos as imagens poéticas no fotopoema apreendemos os meandros fantasmáticos do Olhar do fotopoeta. A cena original não existe mais, apesar da sua anterioridade objetiva. Agora é a cena-olhar do criador que toma existência capturando e dominando o nosso olhar. Vemos em nossa apreensão o olhar tornado visível sob a forma de uma cena outra. Imprimiu-se nesta cena toda a meditação imaginante do olhar criador sob a cena original e então recuperamos a 'memória' poética desta meditação.

Esta movimentação imaginária bem nos dá a medida da nossa repercussão estética, mas é a qualidade substancial desta repercussão que nos informa da natureza do fotopoético. Falar da Obra fotopoética significa falar de uma Obra-Olhar que vem se imaginar em nós, onde ressentimos as pulsações fantasmáticas das imagens íntimas do Olhar. Por isso podemos dizer que a imagem fotopoética foi antes pré-formada na Imaginação. Uma obra que contém os desejos do olhar de edificar a ambiência fantasmática—síntese de suas imagens poéticas. Sem a presença destas imagens a cena original reduz-se a um cenário que não palpita, a imagem de um revestimento cênico inerte, a simulacros fotográficos das aparências do visível.

Fotopoema como fenômeno da Olhicriação

Também temos a ressaltar que esta reflexão sobre a fotopoética se filia, de uma certa maneira, ao "modus operandi" fotografante e apresenta uma correlação, no plano da linguagem expressiva, ao fenômeno da **olhicriação**—fotoformação pelo Olhar. Numa distinção sutil em relação as outras criações visuais que são mediadas por uma **manipulação** estetizadora da matéria.

Todo o corpo-a-corpo que a mão do criador trava com a matéria, todos os devaneios que comandam a mão do artista plástico, são fortes presenças na apreensão e reflexão estética. A ação de Olhicriar se instaura pela contemplação.

A contemplação implica numa ação imaginante do Olhar. Mais do que um perceber, o contemplar é um ato criante da Imaginação. Mais do que uma apreensão de imagens do mundo, ela é uma criação de imagens a partir da dinâmica devaneante do Olhar sobre o mundo. Nesta apreensão-participação poética do olhar o fotopoeta coleta fascinantes imagens avíveis, permeadas do visível. Afinal, um Olhar que contempla vê imagens além da visão. Assim, a nossa proposta pressupõe viver a imagem fotopoética pelo devaneio meditante do Olhar, já que este é quem comanda a criação. O que permite ao nosso "Je Poetiseur" recuperar desde as provocações oníricas que excitam o Olhar criador sobre a cena original até as opções pessoais na condução tecno-constitutiva da realização da imagem fotográfica. A natureza do fotopoético nasce na cogita-

ção devaneante do Olhar, e não pela racionalidade de um olho escrutinador.

Estruturas imaginantes na Fotopoética

A precisão ótica da imagem fotográfica com seus atributos de veracidade, instantaneidade e realismo fascina a todos⁵ desde os seus primórdios. Mas esta fascinação, ligada à potencialização dos atributos óticos do olho, encerra-se na produção fotográfica de massa, no uso mecânico e mimético destes atributos. Refletindo esta fascinação na perspectiva de uma Fotopoética, consideramos que o valor de imagem desta fascinação está na provocação de uma agudeza, de uma instigação ao ver nítido, da alteração da temporalidade. Cada detalhe parece saltar aos olhos, numa transparente e instântanea veracidade, a matéria do objeto perde opacidade e o objeto transparece iluminando o Olhar. Iluminar com o olhar significa viver uma imagem do extraordinário do objeto. A fascinação pela nitidez ou pela instantaneidade parece ser a abertura de uma extravisibilidade das coisas. Fotopoetas como Ansel Adams, Edward Weston, entre outros, assumem esta fascinação pela nitidez buscando sua saturação máxima, numa tentativa de provocar a êxtase pelo extranatural do visível.

Outros tratam a Instantaneidade pelo "*instante decisivo*", ruptura máxima da temporalidade, como Henri Cartier-Bresson (1952:sp). Outros, como Dieter Appelt, pelo 'instante de longa duração', buscando a

densificação temporal num instante. Apesar das nuances que distinguem os pensamentos criadores, todos tem em comum o sentimento germinador essencial do Olhar, e a nossa apreensão estética do fotopoema é dependente desta louvação essencial do Olhar.

A Obra e o Gesto criador estão intimamente associados. A Obra conduz nossa Imaginação a devanear, e através dos nossos devaneios poéticos recuperamos alguns dos "especializados" devaneios poéticos do Olhar criador.

Sem nenhuma pretensão de categorizar, e respeitando a sua interpenetração imaginante e condição de fenômenos, discutiremos as seguintes provocações aos devaneios poéticos presentes na criação: a pulsação temporal do Instante e a intimidade luminante da Luz .

Na pulsação temporal estaria o desejo de dominar a temporalidade. Criar, pela transmutação instante-espacialidade em ambiências fotopoéticas, uma nova temporalidade. A ação criadora seria veiculada pelo **Instante revelador**.

Na intimidade luminante da luz estaria a provocação ao desejo de penetrar na sua espessura, de dominar as densidades, de fazer brilhar, de iluminar. Sua ação fotoprimitiva desenvolveria-se sob a égide do **Olhar Iluminante**.

Iremos comentar a ação instauradora destas estruturas sob o pretexto da ação criadora do Olhar, a partir de duas imagens de Henri Cartier-Bresson e Dieter Appelt.

5. Bastaria lembrar o fotógrafo Fox Talbot com o seu *Pencil of Nature*, London, Longman, Brown, Green & Longmans, 1844-1846.

A meditação sobre a Obra de Cartier-Bresson nos indicou algumas das nuances do seu pensamento criador, tais como: uma saturação máxima da temporalidade pela busca do instante decisivo, um ordenamento geométrico na organização da imagem e uma condensação do acontecimento numa só imagem.

Uma primeira constatação é a de que o Olhar bressoniano privilegiou os estados limites, o limiar de um pleno da imagem. O Olhar bressoniano parece ser um Olhar limite. Na verdade estas nuances são modulações de um mesmo gesto, de uma mesma intuição: o Ver é uma plenitude instantânea.

Falar do valor do instante como elemento materializador da imagem fotográfica pode ser redundante, mas Cartier-Bresson trata o instante espacializante como matéria do **Olhar iluminante**. Em "**Gare St. Lazare**"⁶, Bresson condensa sua expressão poética da cena neste pequeno intervalo que separa o homem que pula do seu reflexo na água. Um intervalo onde o instante se configura em espaço e onde o espaço se mede por um instante. O devaneio bressoniano nos coloca diante de um instante-espaço que porta uma iluminação. Na maioria das imagens de Cartier-Bresson, as cenas pulsam em instantes que brilham, este parece ser o indutor principal do seu pensamento criador. Ele sincroniza a pulsação íntima da cena e a contemplação de seu olhar numa única temporalidade, imbricados na mesma *iluminação*. Um criador que revela o poder de iluminação de um instante decisivo. Um acontecimento no ápice de sua saturação tempo-

ral espacializa, visibilizando a expressão fotopoética da cena.



Nos devaneios deste criador viver o ponto máximo de uma temporalidade é ver sua realidade plena. O instante suspenso realiza; faz ver. A plenitude do instante decisivo traz a plenitude do Ver. Defrontamo-nos com o instante espacializante como matéria primordial de uma fotopoética. Neste sentido, compreende-se a filiação do ato criador a uma exclusiva dominância do instante ao apresentar "*... numa só imagem o essencial de uma cena que surgisse.*"⁷.

6. Paris, 1932 in V&A Ph 472-1978, in Photopoche n° 2, foto n° 5.

7. HCB in Interview de Yves Bourde, Le Monde du 5/9/1974, pg 13.

Buscando continuamente a imagem única⁸, Cartier-Bresson operou uma concentração do enquadramento com uma saturação temporal máxima. O enquadramento bressoniano utilizou os limites do quadro como ele utilizou o obturador da camera. Aqui de novo a confirmação de um mesmo gesto, uma só interrupção decisiva. Neste sentido não é possível um outro instante, ou um outro quadro. Tudo deverá estar neste quadro-instantâneo. O Olhar criador concentrou todos os elementos nos limites do quadro, plenamente interiorizado. Para ele o enquadramento é a cena. A repetição de um enquadramento cerrado—um quadro fechado—constitui uma das tendências criadoras deste fotopoeta.

Por isso é que o pensamento criador exige esta concentração e precisão utilizando um enquadramento fechado, um disparar decisivo, a busca de uma imagem única. Enfim, nós estamos diante de um pensamento criador obsedado pelo poder fotoformador do **instante revelador**.

Um outro fotopoeta, Dieter Appelt, nos apresenta uma obra que busca a revelação do poético pela densificação temporal da luz. Parte de sua iconografia trata de imagens de corpos preparados, inclusive o seu próprio, envolvidos em terra, argila, gesso entre outros. Sua reflexão criadora privilegia as marcas e mutações que a luz temporalizante imprime nos objetos.⁹ É como se a corrosão deste tempo-luz, sofrida pelos corpos-objetos, revelasse a sua profunda realidade. Appelt parte de uma convicção de

que a metamorfose temporal vivida na carne do objeto possa revelar os potenciais originadores deste mesmo objeto, nos propiciando a compreensão de sua luminância poética. Appelt sonha os objetos como portadores de uma luz densificada pela saturação temporal. O seu devaneio poético recupera a ação penetrante de uma luz que pulsa na intimidade destes objetos. Por este motivo, ele irá utilizar longos tempos de exposição, num retorno aos potenciais alquímicos da transubstancialização fotográfica. *"Minha abordagem é prudente, eu utilizo longos tempos de exposição, afirmo de que cada fotograma seja atravessado por uma energia poética e que ali se imprimam à minha revelia, detalhes e fragmentos"* (cit. in Tournier 1981:16). Instante e Luz se interpenetram numa troca de atributos, visando reunir os componentes avisíveis de uma realidade informal que busca sua revelação.

Nestas condições, a criação de imagens em Appelt é precedida de uma meticulosa preparação dos elementos da cena que irá propiciar sua longa meditação devaneante. Uma preparação que já é a espacialização de uma matéria imaginante, como por exemplo em **Unter Dem Dornbusch**¹⁰ onde deixou por longo tempo um corpo nu pressionado contra um monte de palha de feno. Aqui o pretexto indutor é a ação deste calque/impressão, da luminância que emana desta parte avísivel do corpo onde o tempo age. Devaneando esta parte do corpo, ele bem viu esta mutação em curso, que buscou criar em imagem. Appelt, pelo

8. Além de "Gare St. Lazare, Paris", V&A PH 472-1978, citamos "hyères, 1932", no V&A PH 473-1978, in Photopoche n° 2, fig. 27.

9. Especialmente as imagens da série Erinnerungsspur, in BNP Ep. Fol. n° 3 e reproduzidas em Photopoche n° 54.

10. in BNP Ep. 1306 fol. n° 6, da série Erinnerungsspur.



Olhar Dem Eisenmann

enquadramento cerrado incisivo na direção destas marcas da carne anônima, nos assinala a importância dessa “escritura”. Numa proximidade impressionante Appelt parece calcar a carne diretamente na câmera, contra o nosso olhar. A ausência de um rosto, o ponto de vista do enquadramento, e esta presença sobre o nosso olhar, nos informam a intenção criadora. Assim, um Olhar, quando incisa sobre uma nudez transparente, traça na carne da luz. Mostra a ação de traçar de um **Olhar Iluminante**.

Comentários finais

Gostaríamos de ressaltar, sem pretensão conclusiva, alguns fatos que permeiam o processo criador fotopoético. Destacamos inicialmente a importância de considerarmos, no estudo estético da linguagem fotográfica, que a Imaginação criadora e o Olhar do fotopoeta seriam sensíveis aos potenciais formadores da Luz-temporalidade da cena. Assim, podemos compreender que a Obra toma forma no instante limite de uma saturação temporal ressentida pelo Olhar criador. Uma ruptura que se estabelece en-

tre a luminosidade da cena e a luminância imaginária da cena.

Acreditamos que os limites do quadro são uma fonte de devaneio para o fotopoeta, onde ele opera os devaneios do envoltório-contorno. Afinal é pelo corte operado sobre o real que o fotopoeta espacializa.

Na criação e apreensão da imagem fotopoética fica evidente a presença do desejo de um **olhar-que-toca**, onde sentimos a presença silenciosa do olhar que sobrevoa as coisas, um tocar com a retina íntima fantasmática que é mais do que um possuir pelo manipular.

O Fotopoeta exercita o olhar imaginante na direção do avisível. Ele se especializa em Ver na luminância poética das coisas, nestas emanações reveladas num Instante de Luz. O Olhar criador é um modo de presença que se imprime, sob modulações formais diversas, nos entreespaços da imagem. Ele tem, no Fotopoema, a função ordenadora dos potenciais fotoformadores quando da estruturação final da criação.

A Fotopoética é invenção de um Olhar que sonha.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BACHELARD, G. (1978a) *La poétique de L'Espace*. Paris: PUF.
- BACHELARD, G. (1978b) *La poétique de la Rêverie*. Paris: PUF
- BACHELARD, G. (1978c) *Droit de Rêver*. Paris: PUF.
- BACHELARD, G. (1979a) *L'Eau et les Rêves*. Paris: José Corti.

- BACHELARD, G . (1979b) *L'Intuition de l'Instant, Paris: Gonthier.*
- BARTHES, R. (1980) *La Chambre Claire.* Paris: Gallimard.
- CARTIER-BRESSON, H. (1952) *Images à la Sauvette.* Paris: Verve
- CLAIR, J. (1982) *Henri Cartier-Bresson.* Paris: Edição CNP, Coleção Fotopoche n° 2.
- FRIZOT, M. (1992) *Dieter Appelt.* Paris: Edição CNP, Coleção Fotopoche n° 54.
- KEARNEY, R. (1991) *Poetics of Imagining.* London: Harpers.
- TOURNIER, M. (1981) *Morts et Réssurections: Dieter Appelt.* Paris: Herscher.